Young & Rubicam
Um pneu que dura mais e economiza combustível

P3000 Energy. Onde economia é performance.

Acaba de chegar ao Brasil o mais novo conceito em pneu: P3000 Energy. A partir de um revolucionário composto de materiais e de um desenho exclusivo, o P3000 Energy tem uma durabilidade 15%* maior que os pneus standard e economiza mais combustível. Essas melhorias fazem dele um pneu ecologicamente correto. E, com tantas vantagens, podemos dizer que o P3000 Energy é muito mais que um pneu. É um investimento.

*Considerando padrões normais de dirigibilidade.

POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

não poderia causar outra reação.

O encontro dos sonhos

Em 1982, PLACAR promoveu um encontro histórico entre Pelé e Garrincha. Vale a pena ler – e se emocionar – de novo

FRENTE A FRENTE, PELÉ E MANÉ GARRINCHA – simplesmente, os dois maiores craques do futebol brasileiro em todos os tempos.

Foi um reencontro comovente, promovido por PLACAR. Quando se viu diante de Mané, Pelé abriu um sorriso largo, estendeu os braços musculosos e enlaçou seu velho ídolo num abraço apertado, longo e emocionado.

– Como é, Mané, a tua estrela solitária voltou a brilhar? – perguntou o Rei, fazendo alusão à vitória do Botafogo sobre o Vasco (4 x 1), no domingo anterior.

– É verdade, crioulo. Só espero que não seja apenas fogo de palha.

A descontração e o bom humor do primeiro diálogo seriam a tônica da conversa entre Pelé e Garrincha nas duas horas seguintes. Falou-se de tudo um pouco: das Copas de 1958 a 1962, do baixo nível do futebol atual e até da necessidade de mudar algumas regras do jogo.

Revisitar a memória destes dois gênios é reviver emoções que o tempo apenas atenuou, mas que jamais conseguirá sepultar. É vibrar de novo com os golaços do Rei e as fintas desconcertantes do "Torto". É, enfim, sonhar de olhos abertos com as grandes glórias do nosso futebol.

Com a palavra, os senhores Edson Arantes do Nascimento e Manoel Francisco dos Santos. Ou o histórico e comovente reencontro de Pelé e Mané Garrincha.

Pelé – E a bola de hoje, Mané? Tá pequenininha, né? Cada vez sinto mais saudades de você, daqueles dribles, daqueles piques atrás dos lançamentos, do povo nos estádios que vibrava com as tuas entortadas nos "Joões". Cadê os pontas, Mané?

Garrincha – Olha, crioulo, eu sou instrutor da LBA (*Legião Brasileira de Assistência*) e trabalho com 500 garotos de 10 a 14 anos. Quando comecei lá, fiz uma pesquisa. Perguntei: "Quem joga no meio-campo?" Trezentos levantaram a mão. "E na defesa?" Outros 100 se apresentaram. Uns vinte ou trinta pegavam no gol. Mas não apareceu nenhum "tortinho" disposto a brincar na ponta.

Pelé – Você não acha que os culpados disso são os técnicos atuais, com essa febre de táticas e contratáticas que só resultam em retranca e no antifutebol?

Garrincha – Lógico. Eu, por exemplo, deixo o moleque brincar com a bola à vontade. Depois, dou conselhos e orientação específica aos que levam jeito para uma ou outra posição. Mas sem essa de querer fabricar jogador.

Pelé – Certo. Mas tem uma coisa que está me incomodando demais: cada vez vejo menos habilidade no jogador brasileiro. Não tem mais criança brincando de bola. Isso me preocupa tanto que cheguei a sugerir ao ex-ministro da Educação, Eduardo Portella, um estudo para incluir o futebol no currículo escolar.

Garrincha – Essa seria uma boa, crioulo. A pelada está perdendo espaço. Só tem garotos jogando em campos cercados, da Prefeitura ou de clubes, onde se misturam com gorduchos de meia idade que querem apenas perder a barriga. Cadê o moleque de pé no chão batendo bola em terra dura? Isso é coisa espontânea, o começo de tudo – e o garoto precisa ser livre para tomar gosto pelo futebol.

Pelé – Por isso volto a repetir que o mal do nosso futebol são as táticas. Desde o dente-de-leite exigem que o menino se enquadre em esquemas. É preciso libertá-lo disso. O Edinho, o meu filho de 11 anos, às vezes vem do colégio cantando marra: "Pai, hoje fiz um montão de gol no colégio, fui o artilheiro". Eu dou força, estimulo, mas não deixo que ele se mascare e rebato em cima. "Aqui em Nova York é mole, quero ver contra a molecada do Brasil." Eu digo isso, mas sei que, infelizmente, os garotos estão se desviando cada vez mais do futebol.

Garrincha – Só os moleques?

Pelé – O povo também. Sabe, Mané, o que a gente poderia fazer? Aproveitar este nosso encontro promovido por PLACAR e sugerir um simpósio anual ou semestral sobre futebol. Afinal, tem simpósio de tudo: economia, medicina, moda, meteorologia. Só o futebol não faz o seu.

Garrincha – Seria mesmo uma boa reunir os técnicos brasileiros, os jogadores do presente e do passado para discutir o nosso futebol.

Pelé – E nós, desde já, nos comprometemos a participar. Acho que os "velhinhos" ainda podem dar alguns palpites sobre isso. Ou não?

Garrincha e Pelé: os dois maiores craques do futebol

Garrincha – Pelo menos sempre disseram que a gente entendia um pouco de bola.

Pelé – Eu não consigo me conformar com o futebol tico-tico de hoje. O goleiro sai jogando com o lateral, o lateral dá a bola ao quarto-zagueiro e este encosta para o armador, que acaba devolvendo para o zagueiro. Ainda sou partidário do lançamento longo para a frente, de 30, 40 metros, visando os atacantes. O problema é que o jogador de hoje tem medo de errar. O único time que se arrisca é o Flamengo – por isso temos poucas emoções e pouco público nos estádios.

Garrincha – O pior é que todo mundo põe a culpa na retranca, mas continua bolando esquemas cada vez mais fechados. No meu tempo, eu marcava o lateral até o meio-campo: se ele se mandasse, melhor pra mim. Era só esperar o lançamento nas suas costas e partir pra linha de fundo.

Pelé – Sabe, Mané, eu acho que temos de mudar alguma coisa nas regras atuais. O basquete mudou, o vôlei também, o boxe... Por que só o futebol permanece o mesmo? Eu toquei nesse assunto durante a última Copa do Mundo e o Havelange não gostou, alegando que o futebol é eterno.

Garrincha – Eu também acho que algumas mudanças ajudariam.

Pelé – O lateral, por exemplo. Defendo uma alteração que permita a cobrança indistintamente com o pé ou com as mãos.

Garrincha – Imagine poder cobrar um lateral perto da área com os pés? Seria melhor do que um escanteio.

Pelé – Aí, os zagueiros pensariam duas vezes antes de mandar a bola para o mato para fazer cera. Também o tiro-de-meta deveria mudar. Por que a obrigação de cobrá-lo sempre do lado em que a bola sai? Isso só serve de pretexto para a cera dos goleiros, que colocam a bola do lado errado propositadamente para forçar nova cobrança e ganhar um tempinho. E só não defendo o fim do impedimento porque isso estimularia ainda mais as retrancas.

Garrincha – Pois é, a gente toca nesses assuntos e muita gente fica pensando que é puro saudosismo. Mas como deixar de lembrar a Copa de 1958? Também havia retrancas e nós éramos muito marcados. Mas a gente mesmo resolvia o problema, indo à linha de fundo, fazendo lançamentos longos – enfim, criando jogo.

Pelé – Pois é, nesta última Copa (1982) só o Brasil e a França mostraram um bom futebol. Foi a maior injustiça não terem feito a Final. A Itália jogou seu futebol tradicional: fechado. A Alemanha, de quem eu esperava mais, foi medíocre individualmente e a Inglaterra está em declínio técnico. Curiosamente, os times de menor tradição – como Argélia, Camarões, Kuwait e Honduras – jogaram um futebol mais alegre do que as velhas escolhas.

Garrincha – Hoje, a maior preocupação é com o preparo físico. Ele é necessário, concordo, mas não podemos nos esquecer da habilidade. Lembra de 1958? Tínhamos um bom preparo físico e o "compadre" (*Nílton Santos*) ainda gritava com a gente o tempo todo.

Pelé – Pois é, eu era um garoto de 17 anos e tinha gente boa fazendo a minha cabeça. E você lembra por que o Paulo Amaral (*preparador físico*) acabou com aquelas corridas depois dos treinos?

Garrincha – Claro que lembro (*Mané responde e cai na gargalhada*). O pessoal corria até o lago não para melhorar o preparo físico, mas para ver as garotas tomando banho nuas. Teve nego que comprou até binóculo. Aí, o Paulo Amaral proibiu a corrida, e o remédio foi aturar você tocando violão.

Pelé – Tocar não é bem a palavra: eu batucava no violão.

Garrincha – E já aprendeu? Lembro que o teu apelido era "Nega Elisa", porque a gente te achava parecido com a torcedora símbolo do Corinthians.

Pelé – Olha, tocar eu ainda não toco, mas componho mais ou menos.

Garrincha – Já ouvi o Jair Rodrigues cantando uma música sua. Pega o violão e mostra aí, que eu te acompanho no cavaquinho (*e simula um acompanhamento dedilhando um instrumento de brinquedo*).

Pelé – É, bons tempos aqueles de 1958...

Garrincha – Na Copa de 1962 foi uma pena você ter se machucado (*Pelé jogou a partida de estréia contra o México – Brasil 2 x 0 – sofreu uma distensão aos 28 minutos do jogo seguinte, contra a Tchecoslováquia – 0 x 0 – e ficou alijado do campeonato*). Eu dei mais sorte, fiz gols... Mas se há uma partida que eu jamais vou me esquecer, é aquela contra os russos em 1958.

Pelé – Espera aí. Se não me engano, foi a primeira partida oficial que disputamos juntos, né?

Garrincha – Foi, sim.

Pelé – Era a estréia de nós dois na Copa e vencemos por 2 x 0, dois gols do Vavá. Você enlouqueceu os russos. De cara, logo na primeira bola, entortou três: o lateral (Voinov), o quarto-zagueiro (Kuznetsov) e o cara do meio-campo (Tsarev), que vinha na cobertura. Dali em diante só deu você.

Garrincha – Escuta, Pelé, nunca te perguntaram se hoje conseguiríamos jogar da mesma maneira que jogávamos há dez, quinze anos?

Pelé – Me perguntam a toda hora.

Garrincha – Para ser sincero, acho que não teria nenhuma diferença.

Pelé – Concordo. Você continuaria a entortar, deixando "Joões" pelo caminho e indo à linha de fundo para cruzar as bolas na cara do gol. É, Mané, o nosso futebol está precisando de um novo Garrincha, de um outro "Alegria do Povo".

Garrincha – (*Suspira, desvia o olhar, disfarça, passa a mão no rosto e acende mais um dos quarenta cigarros que fuma diariamente*). Crioulo, você tem que visitar a escolinha da LBA.

Pelé – Ótimo, vamos marcar. Na minha volta ao Rio, combinamos direitinho.

Garrincha – E enquanto não sai o simpósio que você sugere, a gente vai aconselhando os garotos. Você vai lá,

Os "moleques" Pelé e Garrincha em campo, contra a Suécia, na Final da Copa de 1958

fala dos teus gols, etc., que isso anima a molecada.

Pelé – Sem demagogia, vou contar para os teus alunos que o gol mais bonito da minha carreira eu fiz na tua despedida. Aquele jogo no Maracanã, contra a Seleção dos Estrangeiros (*dia 19/12/1973, Brasil 2 x 1*). Sabe, o gol 1 000 foi importante, mas daquele eu não esqueço porque driblei quatro caras... pimba! Não digo que foi o mais importante, mas para mim foi o mais bonito. E, mudando um pouco de assunto, sei que você está bem de filhos e já é avô. Tem algum bom de bola?

Garrincha — O mais velho, o sueco John (*é como ele chama o filho nascido na Suécia*). Está com 22 anos e, segundo o Simonsson – aquele centroavante que jogou a Final de 1958 contra a gente –, o menino dá os seus driblezinhos como eu. Bem que gostaria de conhecê-lo. Pelas fotos que vi, é parecido comigo.

Pelé – E quantos filhos no total?

Garrincha – Estou com treze: dez meninas e três meninos. Mas estou partindo para o décimo quarto (*o segundo com sua mulher atual, Vanderléia*).

Pelé – Nossa Senhora, Mané! Você continua o mesmo...

Garrincha – É, das meninas só quatro ainda não casaram e já tenho sete netos.

Pelé – E você ainda quer mais um menino?

Garrincha – A Vanderléia quer. Aí, com quatorze, eu fecho a fábrica. E você, ficou nos três?

Pelé – Sim: a Kelly Cristina (*16 anos*), o Edinho (*11*) e a Jennifer (*4*).

Garrincha – É, crioulo, nessa eu te dou de goleada.

Depois de duas horas emocionadas, o encontro chega ao fim. Garrincha levanta-se, bate no peito nu de Pelé, ajeita a calça em suas famosas pernas tortas, apaga o cigarro e faz um lembrete: "Não esqueça que eu vou te esperar lá na minha casa, em Bangu, pra gente visitar a LBA".

Pelé se emociona: "Tá combinado". Depois, abraça Garrincha, olha fixamente nos olhos daquele homem de 49 anos (*28/10/1933**) e acaricia seu rosto gordo, num gesto de sincera admiração. Subitamente, o Rei do futebol, o tricampeão do mundo, o Atleta do Século, o craque que marcou 1 284 gols parece retroceder aos seus 17 anos. É de novo uma criança magnetizada pela presença do velho ídolo, como nos tempos em que o Mané das pernas tortas endireitou o prestígio do futebol brasileiro. É apenas a "Nega Elisa", o crioulinho que Garrincha mandava para o ataque aos berros, na memorável campanha do Mundial de 1958: "Vai, crioulo, que eu ponho lá!"

Daqueles dias de glória, daqueles gritos de vitória, resta apenas a lembrança. E, sob o céu iluminado de Copacabana, fez-se então um momento de profundo silêncio, respeito e saudade.

* Garrincha faleceu em 20 de janeiro de 1983.

os esquadrões

SANTOS (1960 - 1965)

Um futebol de outro planeta

Um gênio que atendia pelo nome de Pelé mudou a história do Santos e do futebol mundial

RAFAEL DIAS HERRERA

ERAM MAIS QUE ONZE CAMISAS BRANCAS a encantar o mundo, como a imprensa dos anos 60 se acostumou a definir aquele time do Santos. Dentro delas, se não havia rigorosamente um craque em cada posição, existia pelo menos uma rara combinação de talentos que fazia com que um ataque fora de série superasse freqüentemente os erros de uma defesa apenas comum. Havia também, como em todo conto de fadas, um Rei, que era ao mesmo tempo gênio e atendia pelo nome de Pelé. O bastante, enfim, para mudar a história do futebol mundial.

Campeão paulista em 1935, o Santos só ganharia outro título vinte anos depois, e repetiria a dose em 1956. Mais importante que isso: foi também neste ano que um garoto então conhecido por "Gasolina" estreou marcando seu primeiro gol, contra o Corinthians de Santo André. Daí para a frente o menino chegaria a Atleta do Século, artilheiro dos campeonatos paulistas de 1957 a 1965, marcaria mais de 1300 gols, disputaria mais de 750 partidas sem perder e daria nome a uma época: a Era Pelé.

Durante esta fase, na primeira metade da década de 60, o Santos, que ganhara também o título de 1958, seria tricampeão paulista de 1960 a 1962 e campeão em 1964. Mas para vôos mais altos era fundamental repor algumas peças falhas. Como a defesa, por exemplo.

Atrás da crença de que grandes times começam com grandes goleiros, o clube foi buscar Gilmar, o melhor do Brasil, no Corinthians, em 1962. Dois anos antes, o zagueiro Mauro Ramos de Oliveira, futuro capitão da Seleção Brasileira bicampeã no Chile, viera do São Paulo para arrumar a zaga junto com o gaúcho Calvet. Do meio-campo para a frente nunca houve problema, Zito, o líder, protegia a defesa como ninguém, e o ataque sempre foi o forte: seja com Dorval, o já veterano Jair da Rosa Pinto, Pagão, Pelé e Pepe, a linha dos primeiros tempos; seja com Mengálvio no lugar de Jair e Coutinho substituindo Pagão em inigualáveis tabelinhas com Pelé. O Santos, finalmente, estava pronto para conquistas nacionais e internacionais, sempre sob o comando do gordo treinador Lula.

Foi a partir desta base que o Santos encantou o mundo, em excursões da Costa Rica à Grécia, passando por Israel, Itália, França, México, Venezuela, Chile, ganhando torneios e exibindo o melhor futebol a que os cinco continentes já assistiram. Veio

A CAMPANHA DO BI MUNDIAL

CAMPEONATO PAULISTA
1960, 1961, 1962, 1964, 1965

TORNEIO RIO-SÃO PAULO
1963 e 1964

TAÇA BRASIL
1961, 1962, 1963, 1964, 1965

LIBERTADORES DA AMÉRICA
1962 e 1963

Campanha 1962
Santos 9 x Cerro Porteño (PAR) 1
Cerro Porteño (PAR) 1 x Santos 1
Santos 6 x Deportivo La Paz (BOL) 1
Deportivo La Paz (BOL) 3 x Santos 4
Santos 1 x Universidad Católica (CHI) 0
Universidad Católica (CHI) 1 x Santos 1
Finais
Peñarol (URU) 1 x Santos 2
Santos 2 x Peñarol (URU) 3
Santos 3 x Peñarol (URU) 0

Campanha 1963*
Santos 1 x Botafogo (BRA) 1
Botafogo (BRA) 0 x Santos 4
Finais
Santos 3 x Boca Juniors (ARG) 2
Boca Juniors (ARG) 1 x Santos 2

MUNDIAL INTERCLUBES
1962 e 1963
Decisão (1962)
Santos 3 x Benfica (POR) 2
Benfica (POR) 2 x Santos 5
Decisão (1963)
Milan (ITA) 4 x Santos 2
Santos 4 x Milan (ITA) 2
Santos 1 x Milan (ITA) 0

* Campeão do ano anterior, o Santos disputou a partir da fase Semifinal.

A volta olímpica dos campeões de 1963

Santos campeão mundial de 1962: Lima, Zito, Dalmo, Calvet, Gilmar e Mauro; Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe

o pentacampeonato da Taça Brasil, de 1961 a 1965, e sobretudo, as conquistas da Taça Libertadores da América e do bicampeonato mundial de clubes, em 1962 e 1963.

As primeiras decisões internacionais importantes não trouxeram maiores surpresas: a Libertadores foi ganha contra o Peñarol, em Buenos Aires, com um 3 x 0 ; e o mundial, contra o Benfica de Eusébio, com 5 x 2 no Estádio da Luz, em Lisboa. Mas os dois bicampeonatos, em 1962, foram dramáticos.

Decidindo a Taça Libertadores contra o Boca Juniors, da Argentina, no temido Estádio de La Bombonera, Pelé e Coutinho construíram a vitória de 2 x 1. Aliás, este é o único jogo pela Libertadores em que o Boca foi derrotado em seu campo. Contra o Milan, pelo Mundial, sem Pelé, Zito e Calvet, machucados, o Peixe ainda achou forças para ganhar de 1 x 0, gol de pênalti, cavado, é verdade, por Almir que substituía o Rei, e batido por Dalmo.

Um dia o encanto acabou. As grandes vitórias deram lugar a um time comum, que hoje luta para se manter entre os mais expressivos. Mas talvez fosse exigir demais do Santos, ou de qualquer time de hoje, ser igual àquela equipe excepcional. Única como uma defesa de Gilmar, um chute de Pepe, um gol de Pelé.

A tabelinha entre Pelé e Coutinho acaba em gol: o Santos arrasou o Benfica

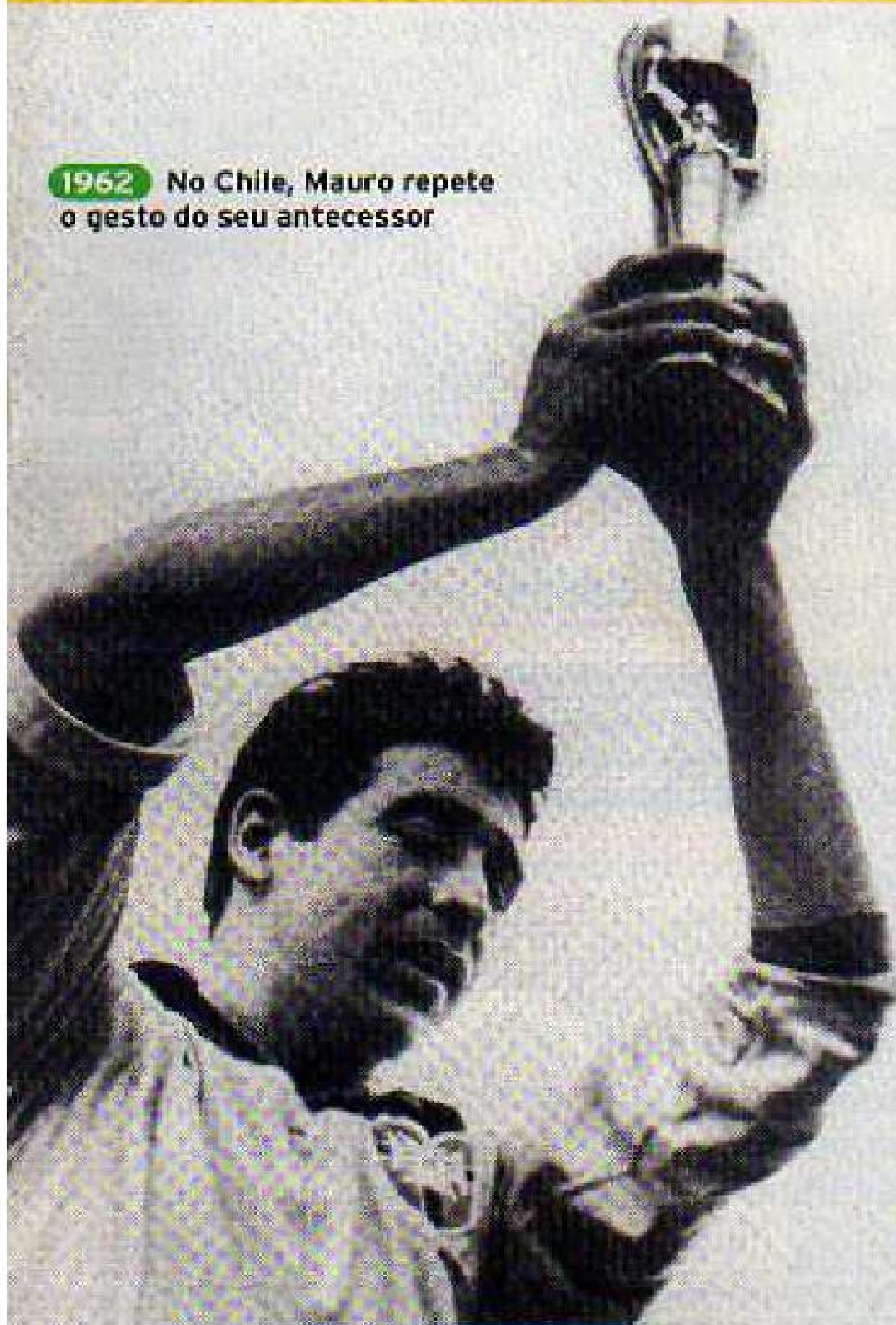
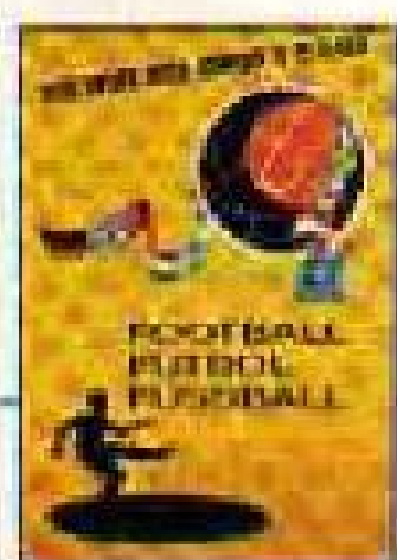
A história do nosso TRI

Três campanhas invictas, heróicas, fantásticas, que deram ao Brasil a hegemonia do futebol mundial

1958 Bellini, o grande capitão, dá início à série de conquistas

FORAM ANOS INESQUECÍVEIS, aqueles que deram ao Brasil a hegemonia do futebol mundial. Com exceção do curto período entre as Copas de 1966, na Inglaterra, e de 1970, no México, o brasileiro pôde se orgulhar de ser o "campeão mundial de plantão" em nada menos que doze dos dezesseis anos que separaram 1958 de 1974. Foram anos de ouro, de fartura de craques e de grandes jogadas, jamais igualados por nenhum outro país da Terra. Duas gerações com um elo comum — Pelé —, entremeadas pela genialidade de Garrincha. Acompanhe, a seguir, o passo a passo dessa epopéia

1962 No Chile, Mauro repete o gesto do seu antecessor

AG. O GLOBO

1970 Carlos Alberto e a taça, nossa para sempre

1958 O futebol ganha um rei

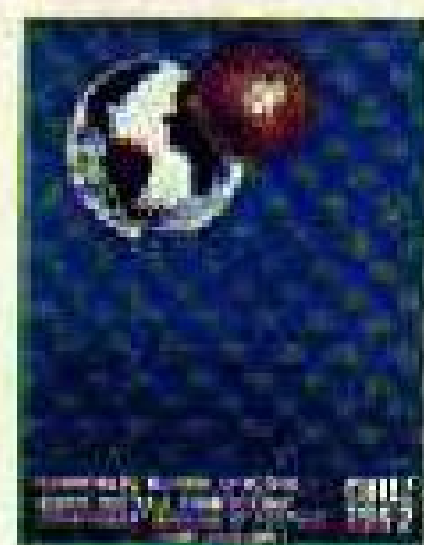
No início de 1958, a revista francesa France Football publicou dez páginas com um amplo levantamento dos dezesseis finalistas da sexta Copa do Mundo, que seria disputada em junho daquele mesmo ano na Suécia. Sem apontar uma favorita, relacionou as cinco mais credenciadas ao título: Alemanha Ocidental, Hungria, Inglaterra, Suécia e Tchecoslováquia. Em sexto lugar, ao lado da Argentina e um pouco à frente da França, vinha o Brasil. No final da Copa, os mesmos franceses curvaram-se ao futebol brasileiro, elegendo, eles próprios, o garoto Pelé, de apenas 17 anos, como o novo Rei do Futebol. O que teria motivado tamanha transformação?

Na verdade, a Seleção Brasileira que traria para o país o seu primeiro título mundial saíra desacreditada também entre nós. As ainda recentes derrotas de 2 x 1 para o Uruguai, em casa, na Final de 1950, e para a Hungria, por 4 x 2, na Suíça, pelas Quartas-de-Final do Mundial de 1954, haviam criado um mito de "vocação para o fracasso", que, até então, não tínhamos conseguido superar. Mesmo as duas primeiras partidas na Suécia (3 x 0 diante da fraca Áustria e 0 x 0 contra a Inglaterra)

Os onze pioneiros: Djalma Santos, Zito, Bellini, Nílton Santos, Orlando e Gilmar (em pé); Garrincha, Didi, Pelé, Vavá e Zagallo (agachados). O massagista é Mário Américo

não davam idéia do time invencível que estaria por vir. A metamorfose só se daria, mesmo, a partir do terceiro compromisso, contra a União Soviética. E tinha dois nomes: Pelé, que viria a ser o maior jogador do mundo em todos os tempos, e Garrincha, o fenômeno da ponta-direita. A pedido de um conselho de jogadores que exerciam forte influência sobre o elenco — entre os quais o lateral-esquerdo Nílton Santos, o meia Didi e o zagueiro e capitão Bellini —, o técnico Feola concordou em escalar os dois, mais o volante Zito, nos lugares de Mazzola, Joel e Dino Sani, os antigos titulares. Estava aberto o caminho para o título.

Os dois primeiros minutos da partida contra a União Soviética foram um dos mais belos momentos da história do futebol brasileiro. Os dribles seguidos de Garrincha sobre Kuznetsov, os marcadores que se multiplicavam à frente daquele fenômeno de pernas tortas, novos dribles de Garrincha, um chute de Garrincha na trave, o passe perfeito de Didi, o gol de Vavá — tudo em apenas dois minutos. No final, uma vitória de 2 x 0. Nas Quartas-de-Final, um osso duro contra a retrancada equipe do País de Gales. E só mesmo um gol solitário do pequeno gênio Pelé, já no segundo tempo, nos fez respirar aliviados. A Semifinal foi contra a França de Kopa e Fontaine (futuro artilheiro da Copa, com 13 gols), impiedosamente goleada por 5 x 2. Pelé fez três gols, Vavá um, Didi outro. O Brasil estava na Final e, uma vez mais, os *experts* do mundo inteiro teimavam em suas previsões agourentas. Tecnicamente, não negavam, a superioridade era brasileira. Mas os suecos bem podiam repetir a façanha dos uruguaios, em 1950, e dos alemães, que venceram a Hungria em 1954, fazendo com que a melhor equipe perdesse a última batalha. Como as camisas oficiais das duas seleções eram amarelas, tivemos de jogar de azul. E de azul o Brasil conquistou o título, sofrendo o primeiro gol logo no início, mas, depois, devolvendo com juros, até chegar aos 5 x 2 (gols de Pelé e Vavá, dois cada, e um de Zagallo). Pela primeira vez na história, a taça do mundo era nossa.

Pelé, o menino-rei, na Final contra os suecos: dois gols e a consagração definitiva

1962 Um fenômeno chamado Garrincha

Três tchecos tentam parar Garrincha, em vão: na Copa do Chile, ele esteve infernal. E garantiu o bicampeonato

"Vocês vão ver como é / Didi, Garrincha e Mané / dando seu baile de bola..." Assim cantava, profética, uma das marchinhas gravadas para comemorar a campanha brasileira no Mundial de 1962, no Chile, fadada a ser a campanha do nosso bi. *"Ya que nada tenemos, lo haremos todo"*, dizia, por sua vez, a palavra-de-ordem chilena, criada pelo presidente do Comitê Organizador da Copa do Mundo, Carlos Dittborn, para animar seus compatriotas, abalados por um terrível terremoto, a continuar lutando para sediar a Copa.

Dittborn morreria sem ver o resultado de seus esforços, antes do início da competição. E, ao contrário dos chilenos, os brasileiros, naquele 1962, não conseguiriam levar além da primeira partida o sonho de ver Didi, Garrincha e Pelé juntos, pois o já então Rei do futebol, contundido na segunda partida, contra a Tchecoslováquia, ficou fora do resto da Copa.

Nem a ausência do nosso maior jogador, no entanto, impediu que o Brasil repetisse em campos chilenos o que já havia mostrado na Suécia. Quando nos faltou Pelé, entrou em campo Amarildo, o "Possesso", autor de gols decisivos. Mas foi mesmo Mané Garrincha quem assumiu a responsabilidade de maior astro do time. Naquela Copa, ele fez de tudo, incluindo gols de fora da área e até de cabeça, totalmente fora de suas características. No banco, Aymoré Moreira substituía o técnico Feola. Afastado temporariamente por doença, ele voltaria quatro anos depois, na Copa da Inglaterra. Em relação ao time de 1958, havia duas modificações, ambas para melhor. Zózimo ocupava o lugar de Orlando na quarta-zaga, Mauro o de Bellini na zaga central.

Jogando assim, o Brasil superou o México (2 x 0), empatou com a Tchecoslováquia (0 x 0, com o desfalque de Pelé) e encontrou no jogo contra a Espanha aquele que foi, talvez, o adversário mais difícil de todas as campanhas do tricampeonato mundial. Saímos perdendo por 1 x 0, tivemos um pênalti de Nílton Santos não marcado pelo juiz (esperto, o brasileiro, depois de fazer a falta em Adelardo, deu dois passos para fora da área) e só chegamos aos 2 x 1 graças às atuações iluminadas de Garrincha e Amarildo, o autor de ambos os tentos.

Daí para a frente, no entanto, foi só alegria.

O esquadrão do bi, base do time de 1958: Djalma Santos, Zito, Gilmar, Zózimo e Nilton Santos (em pé); Garrincha, Didi, Vavá, Amarildo e Zagallo (agachados)

Nas Quartas-de-Final (vitória de 3 x 1 sobre a Inglaterra), Garrincha continuou desequilibrando. Além de seguidos dribles sobre Flowers, Wilson e Bobby Moore, marcou dois gols e cobrou a falta que permitiu a Vavá aproveitar a rebatida do goleiro para fazer o terceiro. Fez os brasileiros esquecerem Pelé — ou acreditarem que, mesmo sem Pelé, poderiam ser os campeões do mundo. Contra o Chile, nas Semifinais, Mané deixaria mais dois gols nos 4 x 2 que garantiram a nossa passagem para a Final. Cansado de apanhar, porém, o craque da Copa acabou agredindo um dos adversários. Nada além de um leve pontapé no bumbum do chileno Rojas, mas que acabou valendo sua expulsão. Beneficiado por uma anistia da Fifa, Garrincha pôde estar em campo na decisão do título, contra a Tchecoslováquia. Na vitória brasileira, outra vez de virada, por 3 x 1, Garrincha não marcou. Nem precisava. Aquela Copa, a batalha do bi, ele já tinha ganhado praticamente sozinho.

1970 o triunfo da perfeição

Nunca um time havia encarnado, antes, uma imagem tão próxima da perfeição. Foram seis vitórias em seis jogos, exibindo um futebol da mais alta qualidade. Herdado por Zagallo das mãos de João Saldanha *(o técnico brasileiro nas Eliminatórias de 1969, demitido antes da Copa do México)*, aquele Brasil de 1970 só deixou, até hoje, uma dúvida: terá sido superior ou somente igual ao time de 1958?

Havia a preocupação sobre os efeitos da altitude sobre os jogadores, vencida com um bem elaborado programa de preparação física. Logo no jogo de estréia, os tchecos, considerados adversários perigosos não só pela boa técnica mas também por causa do preparo físico, não conseguiram segurar a vantagem inicial, conseguida com um gol de Petras. E foram goleados por 4 x 1. Ultrapassada a Tchecoslováquia, o Brasil tinha de enfrentar a Inglaterra. Um jogo de campeões, sofrido, em que a vitória poderia ter pendido para um lado ou para o outro. Acabou sendo nossa, com um gol solitário

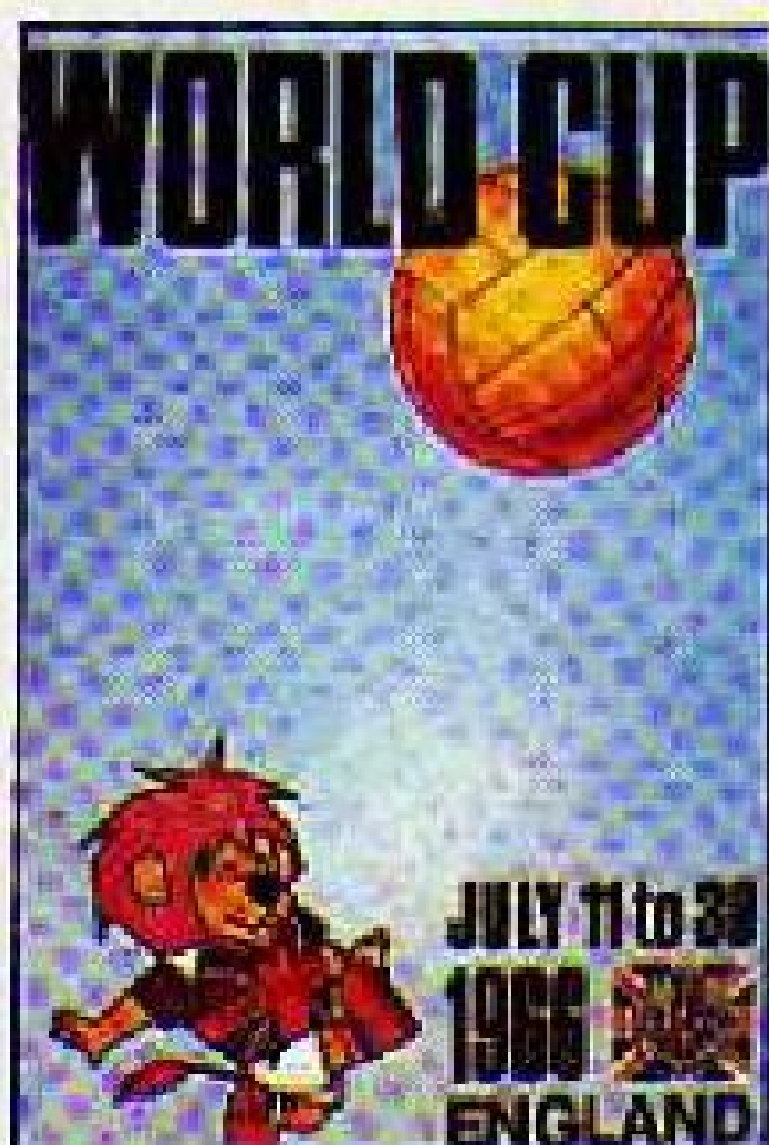
Foi a Copa de 1970 que mostrou Pelé em seus maiores momentos. Capaz de jogadas sensacionais, como no lance do jogo com os tchecoslovacos, cujo goleiro Viktor se adiantava para comandar o jogo. De repente, do meio do campo, Pelé tenta o impossível: encobrir o goleiro, enfiar a bola justo sob o travessão. A bola não entra – raspa a trave –, mas o momento de ridículo de Viktor, correndo de volta para o gol, se converte num dos instantes máximos da genialidade de Pelé

Perfilados para a partida definitiva pela posse da Taça Jules Rimet, Brasil e Itália se encontram pela primeira vez em uma Final de Copa. A categórica vitória brasileira (4 x 1) não deixou dúvidas

de Jairzinho. Com uma terceira e sofrida vitória sobre a Romênia (3 x 2), os brasileiros passavam para as Quartas-de-Final. Nos demais grupos, não haveria grandes surpresas. México e União Soviética eram os ganhadores no Grupo 1. No 2, Itália e Uruguai. No 4, Alemanha e Peru.

Itália, Uruguai, Brasil e Alemanha foram os que chegaram às Semifinais. O Brasil, derrotando o Peru num jogo nervoso, movimentado, por 4 x 2. Vieram as Semifinais. Itália e Alemanha jogaram intermináveis 120 minutos de uma partida cheia de emoção. Uma partida heróica, em que os jogadores se superaram numa luta além dos razoáveis limites da resistência física. No fim, 4 x 3 para a Itália. Longe dali, em Guadalajara, essa guerra começara bem antes. Brasil e Uruguai, disputando as Semifinais, reviviam toda a mística de uma rivalidade antiga. O jogo, afinal, foi mais fácil do que se pensava. A Seleção Uruguaia estava bem longe do poderio da *Celeste* de 1950. E, por mais garra que tivesse, não possuía condições técnicas para sustentar a vantagem inicial obtida com um gol de Cubilla. Chegamos sem dificuldade aos 3 x 1 e nos credenciamos a disputar, contra a Itália, a posse definitiva da Taça Jules Rimet.

O primeiro tempo — 1 x 1, gols de Pelé e Boninsegna — parece confirmar a expectativa de um jogo terrível. Mas, no segundo tempo, há sinais de esgotamento do lado italiano: afinal, a partida com os alemães minara-lhes a resistência. E há, de outro lado, o rendimento cada vez maior dos brasileiros, com Gérson indo mais à frente, com o ataque fazendo jogadas sempre perigosas, crescendo com o andamento do jogo. Gérson, Jairzinho e Carlos Alberto liquidam a fatura: 4 x 1. Brasil campeão, pela terceira vez. Estava encerrada a campanha mais gloriosa do Brasil nas Copas do Mundo. E talvez a mais brilhante.

Tostão, a "Fera" da Copa, contra dois italianos. Pelé, de longe, observa: duplo perigo rondando a área italiana

Conquista sob suspeita

A Inglaterra organizou a Copa para vencer – e venceu. Só não conseguiu, até hoje, convencer o resto do mundo da legitimidade da sua vitória

CUNHADA PELO TÉCNICO ALF RAMSEY logo que assumiu o comando da Seleção Inglesa, em 1963, a frase "A Inglaterra vencerá" tornou-se, para os ingleses, uma espécie de slogan oficioso da Copa do Mundo de 1966. Afinal, no país que criou o futebol, a possibilidade de sediar o evento e entregar a festa para os outros não passava pela cabeça de ninguém. Por isso, os ingleses trabalharam incessantemente para o sucesso. Da Copa e do seu próprio time.

O Mundial da Inglaterra entraria para a história como a Copa de Pickles, o cachorrinho salvador que farejou a taça Jules Rimet, perdida a poucas semanas da abertura da competição. Como o Mundial das Surpresas, como Portugal (terceiro colocado em sua primeira participação) e Coréia do Norte (que chegou a vencer e eliminar a Itália). Mas, acima de tudo, como o Mundial da Suspeita.

Mas nem só as discutidas armações de bastidores foram responsáveis pelo triunfo inglês. A partir da Copa do Mundo de 1966 (e até a de 1986, quando um jogador, no caso o argentino Maradona, voltaria a desequilibrar as disputas sozinho), o futebol-de-um-craque-só deu lugar ao futebol do time. Estrelas como Garrincha — capaz de ganhar quase sozinho o título para o Brasil no Chile, em 1962 — deixaram de brilhar. Jogadores menos dotados tecnicamente, porém coletivistas, mudaram a ordem das coisas. Além do mais, Pelé, caçado pelos zagueiros nas partidas do Brasil contra Bulgária e Portugal, pouco pôde fazer. Com duas derrotas por 3 x 1 para húngaros e portugueses, uma vitória solitária (2 x 0) na estréia diante dos búlgaros e uma equipe tão envelhecida quanto bagunçada (vinte jogadores entraram em campo nas três partidas do Brasil), caímos logo na Primeira Fase.

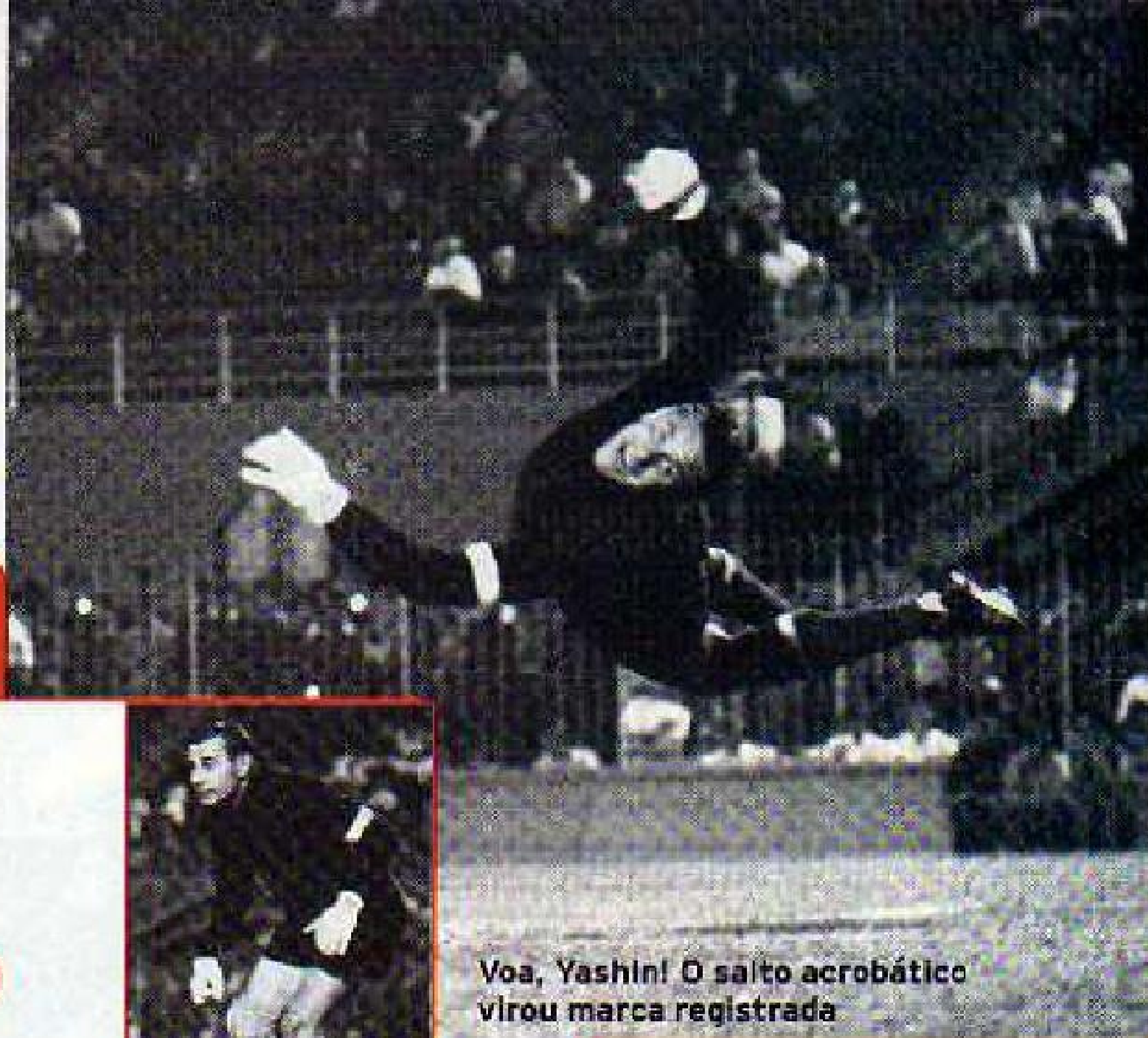
Bom para alemães e ingleses, que, naqueles tempos de jogo coletivo, revelaram-se mestres no assunto, chegando à Final. E melhor ainda para os ingleses. Na prorrogação de um duro 2 x 2, eles contaram com a benevolência do árbitro suíço Gottfried Dienst, que validou o gol de Hurst, em um chute que, na verdade, bateu no travessão e caiu no chão antes de ultrapassar a linha. Depois, tudo foi festa, e o time da Rainha chegou ao quarto gol. A suspeita sobre a legitimidade daquela vitória, no entanto, permaneceria para sempre.

AG. O GLOBO

Passo a passo, o polêmico gol de Hurst, na prorrogação, que abriu o caminho para o título. A bola bate no travessão e cai no chão, antes de ultrapassar a linha. O inglês, malandramente, pede o gol. E o árbitro suíço cai na dele.

Lev Yashin

A legenda do Aranha Negra

Nos anos 50 e 60, um goleiro russo todo vestido de preto criou a fama de melhor do mundo

Voa, Yashin! O salto acrobático virou marca registrada

Conta-se que o goleiro Lev Yashin, titular da Seleção da antiga União Soviética nas Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1966, era capaz de "assustar os atacantes usando apenas a sombra". Uma história que começou antes mesmo de suas fantásticas atuações nos três Mundiais dos quais participou. Mais precisamente no dia em que sua Seleção enfrentou a Hungria em Budapeste, pelo Campeonato Europeu de 1959. Tiji, experimentado goleador húngaro, apareceu livre na frente de Yashin. Era um contra-ataque rápido, mortal, que pegou o grande goleiro adiantado — fora, até, da sua área. Mas Yashin não se abalou. Foi se aproximando lentamente, fechando o ângulo aos poucos. Até que Tiji, intimidado — dizem que por sua simples aproximação —, acabou chutando fraco, facilitando a defesa do goleirão, feita com o corpo.

Frio, acrobático, místico, Yashin é até hoje considerado, ao lado de Ricardo Zamora *(ídolo espanhol nos anos 30)*, o melhor goleiro do mundo em todos os tempos. Titular do Dínamo de Moscou por 21 anos, sofreu apenas 326 gols entre 1949 e 1970. Ou, menos de dezesseis por ano, uma média fantástica. Na Seleção da União Soviética participou da campanha pelo quarto lugar no Mundial da Inglaterra, em 1966, melhor colocação russa na história das Copas. Yashin foi também o único goleiro até hoje que ganhou a Bola de Ouro (prêmio destinado ao melhor jogador em atividade na Europa), em 1963. Alto, jogando todo de preto, Yashin alimentava a imaginação dos fãs. E motivou o apelido que o tornaria famoso: "Aranha Negra". Diabético, com problemas circulatórios que o levaram a amputar uma das pernas, o grande "Aranha Negra" morreu em 1990, vinte anos depois de abandonar os gramados. Sua legenda, porém, permanece viva até hoje.

A FICHA DO CRAQUE

- Nome: Lev Ivanovic Yashin
- Posição: goleiro
- Local e data de nascimento: Moscou (Rússia, antiga União Soviética), em 22 de outubro de 1929
- Altura: 1,90 m
- Clube que defendeu: Dínamo de Moscou (de 1949 a 1970)
- Na Seleção: 78 partidas. Titular da União Soviética nas Copas de 1958, 1962 e 1966 (quarto colocado)
- Títulos: cinco vezes campeão soviético (1954, 1955, 1957, 1959 e 1963), três vezes campeão da Copa da URSS (1953, 1967 e 1970), sempre pelo Dínamo de Moscou; campeão olímpico em 1956 e da Copa Européia de Seleções em 1960 pela União Soviética.

Teste seus conhecimentos

Veja a fita de vídeo que acompanha esta edição e responda a mais três perguntas:

1. Contra que Seleção Pelé marcou seu primeiro gol numa Copa do Mundo?

a. Suécia.

b. País de Gales.

c. Tchecoslováquia.

2. Qual era o nome do cachorro que encontrou a Taça Jules Rimet, desaparecida em 1966?

a. Bandit.

b. Pepinus.

c. Pickles.

INTERCONTINENTAL PRESS

3. Qual era o apelido do goleiro russo Lev Yashin?

a. Aranha Negra.

b. Pantera Negra.

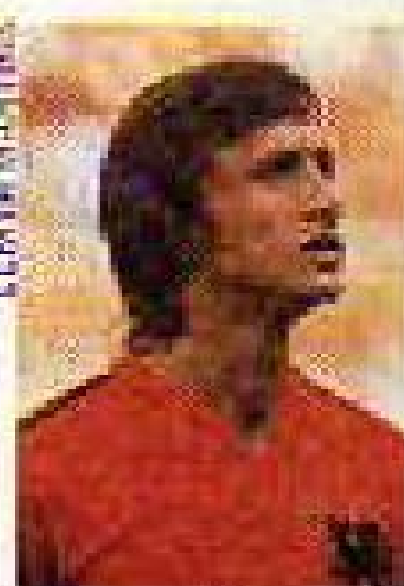
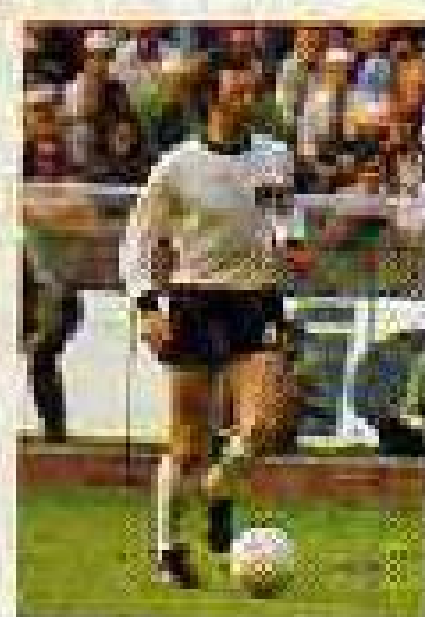
c. Mancha Negra.

Respostas: 1 b, 2 c, 3 a

No próximo número

LEMYR MARTINS

SERGIO SADE

Três gênios do futebol: o holandês Cruyff, o alemão Beckenbauer e o argentino Diego Maradona

ALLSPORT

J.B. SCALCO

Os melhores lances das Copas de 1974 a 1986

J.B. SCALCO

Paolo Rossi, o carrasco do Brasil na derrota do Sarriá

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Egberto de Medeiros
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor de Editorial Adjunto: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Milton Longobardi

Diretor Superintendente: Nicolino Spina

Diretor de Redação: Marcelo Duarte

Diretor de Arte: Silas Botelho
Redator-Chefe: Sérgio Xavier Filho
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Editores Seniores: Alfredo Ogawa, Luís Estevam Pereira
Editores Especiais: Amauri Barnabé Segalla, Celso Unzelte
Repórteres Especiais: Luísa de Oliveira, Rogério Dallon, Sérgio Garcia (Rio de Janeiro)
Repórteres: Christian Carvalho Cruz, Manoel Coelho
Subeditor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Repórter Fotográfico: Pisco Del Gaiso
Chefes de Arte: Adriana Nakata, Fábio Bosquê Ray
Diagramadores: Luciano Augusto de Araujo, Tatiana Cardeal Furlaneto, Venina Binda Batista
Atendimento ao Leitor: Luís Eduardo Alves, Rodolfo Martins Rodrigues

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo; Abril Press: José Carlos Augusto; Nova York: Grace de Souza; Paris: Pedro de Souza

Publicidade
Diretora de Vendas: Thaís Chede Soares B. Barreto
Vendas São Paulo
Executivos de Negócios: Cristiane Tassoulas, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo Amaral
Gerente de Agências: Moacyr Guimarães
Executivos de Contas de Agências: Ana Maria M.G. de Castro, André Chaves, Liliane Graciotti, Patrícia Trufeli, Renata de Abreu Moreira
Gerente de Marketing Publicitário: Simone de Souza
Vendas Rio de Janeiro
Gerente de Publicidade: Leda Costa
Contatos de Agências: Leonardo Rangel, Lúcia Angélica

Assinaturas
Diretor de Operações e Serviços: Antonio Almeida
Diretor de Vendas: William Pereira

Circulação
Claudia Souza (Assinaturas), Marcelo Jacó (Bancas, Promoções e Eventos)

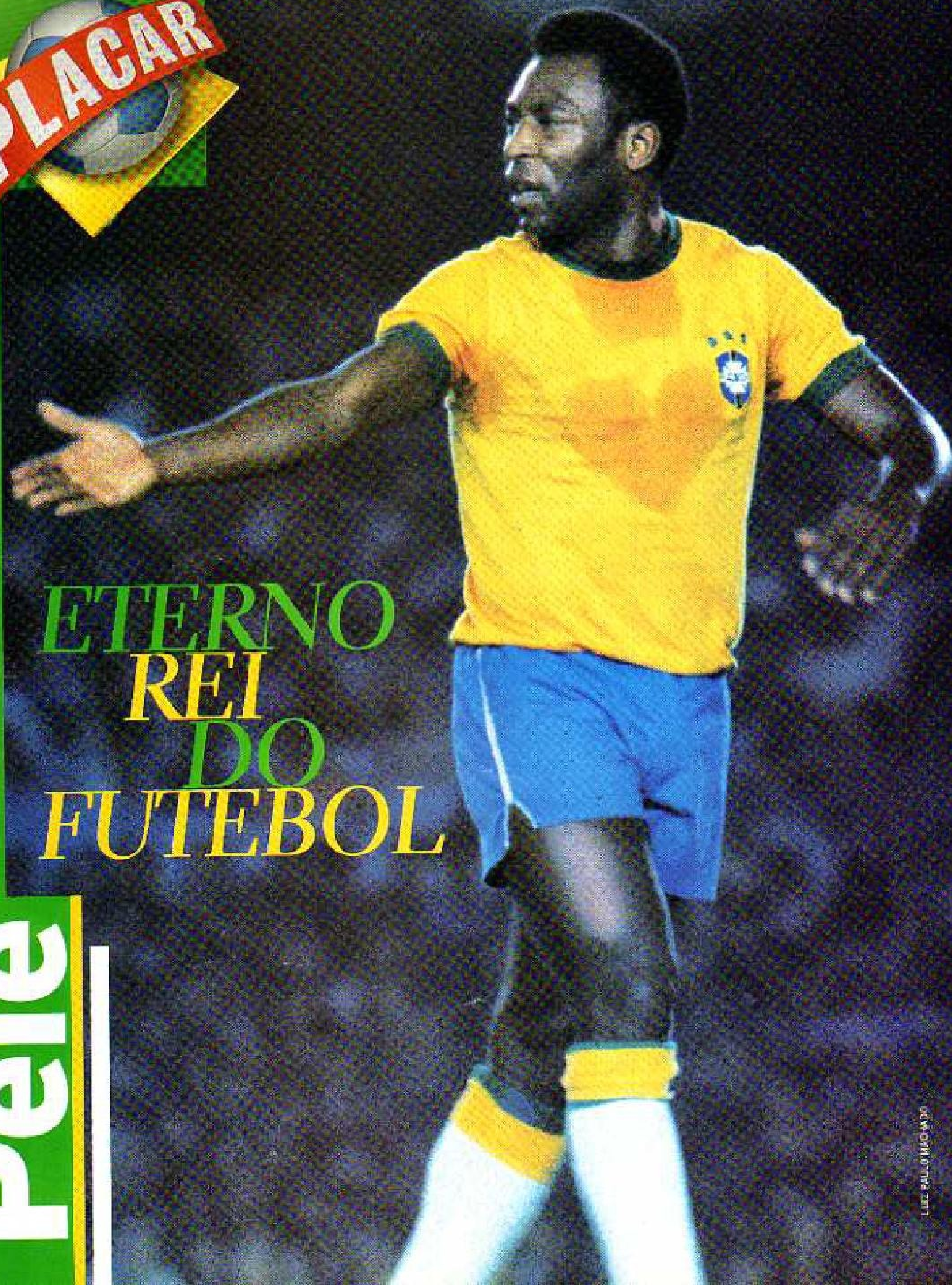
Projetos Especiais
Adriana Naves, Celio Leme

Planejamento e Controle
Cláudio C. Barros

Processos
Gilson Del Carlo

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritórios Regionais: Marcos Venturoso
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões
Representante em Portugal: Manuel José Teixeira

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Fatima Ali, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

COLEÇÃO
PLACAR
ETERNO
REI
DO
FUTEBOL
Pelé

POTÊNCIA NÃO É NADA
SEM CONTROLE.
RONALDO
9
P3000
Chegou ao Brasil o mais novo conceito em pneu: P3000 Energy. A partir de um revolucionário composto de materiais e de um desenho exclusivo, o P3000 Energy tem durabilidade 15%* maior que os pneus standard e economiza mais combustível.
P3000 ENERGY. ONDE ECONOMIA É PERFORMANCE.
PIRELLI